

# Proposta de sistema fonológico para a língua dos Cayapó do Sul aldeados em São José de Mossâmedes

(Proposal for a phonological system for the language spoken by the South Cayapó speakers settled in São José de Mossâmedes)

Eduardo Alves Vasconcelos<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

dudualves@gmail.com

**Abstract:** The existing linguistic information about the language spoken by South Cayapós was restricted to seven lists of words. Three lists were collected among those villagers gathered near Vila Boa (GO); two were recorded in 1819; one was done by Emmanuel Pohl (1772-1834) and another by Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). The third record is the oldest and possibly the one that was noted with less accuracy, it is a list of names in a baptism record, dated 1782. In this article, I present a proposal of graphematic analysis for the last record and I hold a discussion about the phonological system of South Cayapó language: its oppositions, processes and representation.

**Keywords:** South Cayapó, word list, Jê languages, phonology.

**Resumo:** As informações linguísticas existentes sobre a língua que foi falada pelos Cayapós do Sul restringem-se a sete listas de palavras, das quais, três foram coligidas entre aqueles aldeados nas proximidades de Vila Boa (GO). Destas listas, duas foram anotadas no ano de 1819, um por Emmanuel Pohl (1772-1834) e outro por Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). O terceiro registro é o mais antigo e possivelmente o que foi anotado com menos acuidade, trata-se de uma lista de nomes contida em um registro de batismo datado de 1782. Neste artigo, é apresentada uma proposta de análise grafemática para este último registro e realizada uma discussão sobre o sistema fonológico do Cayapó do Sul: suas oposições, processos e representação.

**Palavras-chave:** Cayapó do Sul, lista de palavras, línguas Jê, fonologia.

## Introdução

As listas de palavras coletadas por Emmanuel Pohl (1782-1834) e Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) entre os Cayapó do Sul<sup>1</sup> aldeados em São José de Mossâmedes (Goiás) já foram tematizadas em outro texto (VASCONCELOS, 2009), em que faço uma análise grafemática destas listas, mas não proponho análise fonológica. Neste presente estudo, volto à discussão das interpretações possíveis a estas listas, lançando mão de outras evidências sobre as características dos registros e buscando informação em uma terceira fonte para os Cayapó do Sul da região de Mossâmedes: nomes próprios presentes em um registro de Batismo de 1782, referente ao primeiro grupo Cayapó do Sul aldeado em Maria I.<sup>2</sup>

Quanto à interpretação de transcrições não fonéticas de línguas indígenas, adotarei os procedimentos utilizados em estudos como de Grannier Rodrigues (1990)<sup>3</sup> para o Guaraní

1 Povo indígena que foi contatado no século XVIII, quando os primeiros bandeirantes adentravam ao território que compõe hoje parte do estado de Goiás.

2 “Esta aldeia foi construída em 1781, nas margens do rio Fartura, a doze léguas de Vila Boa, no Governo de Luís da Cunha de Menezes.” (ATAÍDES, 1998, p. 79)

3 A dissertação foi defendida em 1974. Aqui utilizo a versão publicada em livro de 1990.

Antigo,<sup>4</sup> no qual, a partir do material produzido pelo Padre Ruiz de Montoya, ela busca identificar e analisar a fonologia daquela língua, partindo da seguinte metodologia:

(a) indicação explícita da natureza do som por Ruiz de Montoya; (b) o valor que tinham no Espanhol do século 17 as letras utilizadas na escrita do Guaraní; (c) particularidades da escrita do Espanhol de Ruiz de Montoya; (d) a ordenação alfabética do Tesoro; (e) a provável coerência do sistema fonológico do Guaraní; (f) alternâncias morfofonológicas do Guaraní; e (g) a situação correspondente em dialetos guaranis atuais. (GRANNIER RODRIGUES, 1990, p. 15)

Tal metodologia é aplicada neste estudo, com as devidas adaptações, a saber: (1) indicação explícita da natureza do som pelos anotadores; (2) o valor que tinham as letras utilizadas pelos anotadores na grafia adotada; (3) particularidades do registro; (4) alternâncias morfofonológicas que o registro permite depreender; (5) correspondências em outros registros do Cayapó do Sul e (6) correspondências em línguas da família Jê. A análise fonológica guia-se pelos princípios da Fonologia de Praga (TRUBETZKOY, 1939; JAKOBSON; FANT; HALLE, 1952) e pelos desenvolvimentos da Fonologia Autossegmental, na vertente da Geometria de Traços, principalmente aqueles levado a cabo por D'Angelis (1998, 2002).

### **Registro de Batismo de Vila Boa (1782)**

Luís da Cunha Menezes (Governador da Província de Goiás de 1778-1783) ao noticiar a coroa portuguesa sobre o aldeamento dos Cayapó do Sul envia, em anexo ao seu comunicado, uma lista das crianças que foram batizadas no ano de 1782, na Matriz de Vila Boa, em cerimônia realizada pelo Vigário João Antunes de Noronha. Este documento ganha importância quanto ao registro da língua que fora falada pelos Cayapó do Sul por constar nele os nomes indígenas dos pais das crianças: são exatamente 60 nomes próprios, anotados em ortografia de língua portuguesa, e, possivelmente, pelo responsável pela cerimônia.<sup>5</sup> Trata-se do registro mais antigo da língua que foi falada por este povo e apesar da falta de acuidade e preocupação com os significados dos termos, é uma peça relevante na tentativa de propor o funcionamento e a organização do sistema fonológico do Cayapó do Sul.

A seguir, apresento a lista dos nomes próprios do registro de Vila Boa e, na sequência, uma hipótese de interpretação grafemática.

---

4 Araújo (1992), ao realizar análise do *Wörterbuch der botokudensprache* de Bruno Rudolph, esclarece: “na determinação dos procedimentos a serem adotados na análise [...], de grande auxílio foi o trabalho de D. [Grannier] Rodrigues (1974), que apresenta uma análise fonológica do Guaraní do século XVII, documentado pelo Padre Ruiz de Montoya” (ARAÚJO, 1992, p. 20).

5 A cópia enviada à coroa portuguesa não está assinada, o que levanta dúvidas inclusive sobre quem foi o responsável pela cópia do documento paroquial.

Lista de nomes próprios anotada em Vila Boa (GO) em 1782:

1. Angrayocha	13. Ungaptuai	25. Apluace	37. Banequere	49. Unxepaan
2. Chiunequa	14. Combono	26. Xecrâ	38. Xuxiê	50. Inqueciare
3. Chaquenonan	15. Xuanampiae	27. Enconâ	39. Caxique	51. Cananquete
4. Cequaquai	16. Carampea	28. Tuuntu	40. Incunan	52. Poimre
5. Queampia	17. Pitubâ	29. Amixon	41. Canampuaxi	53. Mixiela
6. Yamaroi	18. Cambriopixom	30. Tanqueré	42. Toyoto	54. Pamquaque
7. Caçacabe	19. Canapixo	31. Emponi	43. Chaponhece	55. Tonito
8. Coimpa	20. Incapuim	32. Xampeu	44. Xampea	56. Conapicici
9. Pembaque	21. Quipanto	33. Poquea	45. Xataqueare	57. Carampea
10. Romexi	22. Potuaré	34. Bazeque	46. Pupuare	58. Cocri
11. Xaquean	23. Potinii	35. Taxiú	47. Caceterê	59. Tuinta
12. Uncrixiu	24. Acotamacê	36. Xapamapixixi	48. Ecotpaen	60. Canampui

Neste registro [p, b, t] estariam representados por *p*, *b* e *t*, enquanto [k] seria representado tanto por *c* quanto por *qu*, aquele quando diante de *a*, *o*, *u* e *qu* para *i*, *e*; ainda [g] representado por *g*, porém, somente precedido por *n* (cf. 1 e 13), sugerindo que essa sequência poderia ser uma representação para a nasal velar [ŋ], ou mesmo uma pré-nasalizada [ŋ̃g]. Consoantes pré-nasalizadas como [ŋ̃g], seriam representadas, nesta lista, pela sequência grafema nasal (*m*, *n*) seguido do grafema das obstruintes. Outra obstruinte descontínua sonora encontrada no registro é [b], que também pode ser associada às pré-nasalizadas: [mb] ~ [b]. Uma possibilidade de interpretação para estas ocorrências é que sejam consoantes pré-nasalizadas que se realizam com contorno oral diante de uma vogal oral [m̃p, m̃b, ñt, ŋ̃k, ŋ̃g], mas diante de vogal nasal realizar-se-iam como nasal [m, n, ŋ].

O grafema nasal, tal como nas demais listas Cayapó do Sul, indicaria: (i) consoante nasal, (ii) marca da nasalidade da vogal ou, ainda, (iii) nasalidade intrínseca à obstruinte seguinte. Nos registros em que há ocorrência das obstruintes sonoras elas apresentam variação com a contraparte surda ou com a contraparte nasal. Curiosamente, nesta lista, as obstruintes sonoras registradas são aquelas que compartilham o traço grave, lançando mão aqui da proposta de traços acústicos de Jakobson, Fant & Halle (1952).

As obstruintes contínuas [s], [z] e [ʃ] estão representadas, neste registro, por: *c*, *ç* para [s], *z* para [z] e *ch*, *x* para [ʃ]. Não há indícios para as africadas [ts] e [tʃ], encontradas tanto na lista de Pohl (1832) quanto na de Saint-Hilaire (1848). A sonora [z] está restrita a uma única ocorrência: 34. Bazeque.

Nas três listas são anotadas duas líquidas, a lateral [l] e o *tepe* [r], representados por *l* e *r*, respectivamente. A proposta assumida aqui é de que o fonema seja justamente o *tepe*. Já as soantes [j] e [w] estão representadas pelas vogais *i* e *u*, como em 4. *Cequaquai* e 32. *Xampeu*; já a palatal também é representada por *y*, quando em *onset* em 1. *Angrayocha*, 6. *Yamaroi* e 42. *Toyoto*. O /w/ também poderia estar ocorrendo em *clusters* e *codas* como em 13. *Ungaptuai*, 41. *Canampuaxi* e 35. *Taxiú*.

No quadro 1, seguinte, é apresentada a proposta dos fones das consoantes do registro de Vila Boa de 1782, os segmentos marcados com uma interrogação são aqueles cuja ocorrência não é possível comprovar, mas também não é possível descartar.

**Quadro 1: Lista de Vila Boa (GO) – Consoantes**

p	t		k
	s ~ z (?)	f	
m̄b ~ b			ŋg ?
m	n	ɲ	ŋ ?
w	r ~ l	j	

Para as vogais, é possível propor o quadro seguinte, em que interpreto o *â* como a representação para a vogal [ə] e as vogais nasais são representadas pela sequência *v+ç*.

**Quadro 2: Lista de Vila Boa (GO) – Vogais**

i, ĩ	ə	u, ũ
e, ê	a, ã	o, õ

## Sistema fonológico: uma proposta

### Fricativas e africadas nas listas de Mossâmedes

Os dois quadros a seguir são reproduções da proposta de interpretação grafemática para as listas de Pohl e Saint-Hilaire em Vasconcelos (2009):

**Quadro 3: Pohl (1832)**

Consoantes				
p b	t	ts̄	tʃ̄	k
	z		f	
m	n			
w	r l		j	
Vogais				
i, ĩ				u, ũ
e, ê		a, ã		o, õ

**Quadro 4: Saint-Hilaire (1848)**

Consoantes				
p b	t d	ts̄	tʃ̄	k
	s		f ʒ	
m	n		ɲ	
w	r l		j	
Vogais				
i, ĩ				u, ũ
e, ê		a, ã		o, õ

A interpretação dada ao grafema *s*, da lista de Pohl, em itens como *unisi* ‘mãe’, *usúm* ‘pai’, *schuninsi* ‘galinha’, *schuninsischumá* ‘galo’, *sucomu* ‘serra’ e *kitesi* ‘ferro’, se tratava da sonora [z], seguindo assim o padrão da ortografia alemã em que *s* só tem valor de [s] em *coda silábica*.<sup>6</sup> Na lista de Vila Boa há somente uma ocorrência de fricativa sonora e em Saint-Hilaire há dois itens em que ele anota *j* (= [ʒ]). No diário de Pohl (1837, p. 33-34) consta uma lista de palavras dos Xavante da Aldeia do Carretão de Pedro III,<sup>7</sup> que fora anotada em 1819. Nesta lista também encontramos o *s*, porém, ao comparar os itens daquela lista com registros recentes da Língua Xavante (MCLEOD, 1974; PICKERING, 2010) e também da língua Xerente (SOUZA, 2008), observamos que corresponde a [tʃ̄]<sup>8</sup>

6 Dentre as listas Cayapó do Sul, três são anotadas por alemães: Pohl (1832), Kupfer (1870) e Nehring (1894), além da lista de Pohl (1832) o grafema *s* só ocorre em único item na lista de Kupfer (1870, p. 254): *sacoa* ‘boca’.

7 Em homenagem ao Rei de Portugal e Algarves que governou, ao lado de Maria I, entre 1777 e 1786.

8 Mantém-se o símbolo utilizado pela pesquisadora.

em McLeod (1974), a [s] em Pickering (2010) e ainda [s] no Xerente (SOUZA, 2008). As seguintes correspondências são encontradas com as demais listas Cayapó do Sul.<sup>9</sup>

‘galinha’	<i>schuninsi</i> (P)	<i>zurinzi</i> [tsurĩtsi] (K)	<i>chuninxi</i> [ʃũnĩʃi] (L)	<i>xinunxi</i> [ʃĩnũʃi] (B)
‘pai’	<i>usúm</i> (P)	<i>uxum</i> [uʃũ] (L)	<i>uçúm, vóçúm</i> [usũ] (B)	
‘mãe’	<i>unisi</i> (P)	<i>kuinzi</i> [kuĩtsi] (K) <sup>10</sup>		

A fricativa vozeada [ʒ] de Saint-Hilaire pode ser interpretada como variação com a contraparte desvozeada, contudo, as ocorrências das africadas [ts̄] e [tʃ̄] e das demais fricativas [s] e [ʃ] podem ser explicadas como casos de variação livre. Considerando os segmentos vocálicos que seguem as consoantes fricativas e africadas, nas três listas, temos em Vila Boa:

[s] i, e                      [z] e                      [ʃ] i, e, a, o, u

Já em Pohl, as realizações estão assim distribuídas:

[s] i, u                      [ʃ] i, a, o, ó, u  
[ts̄] e, a, o                      [tʃ̄] é, un<sup>11</sup>

Por fim, em Saint-Hilaire:

[s] i                      [ʃ, ʒ] i, e, o, ó, u  
[ts̄] e, a, o                      [tʃ̄] u

A proposta a ser levantada, segundo a qualidade do registro, é que há ao menos dois fonemas nesse conjunto de realizações. A questão é saber como se dá a oposição: pelo traço [± anterior] diferenciando [ts̄] e [tʃ̄]; ou pelo traço [± contínuo], opondo [ts̄] a [ʃ]. É preciso considerar que dos poucos itens comuns às listas de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848) é regular a correspondência do traço [contínuo], ou seja, se em Pohl temos [tʃ̄] (*tsch*, não contínuo) em Saint-Hilaire teríamos [ts̄] (*ts*, não contínuo), a única exceção a esta regularidade é o termo galinha-pássaro:

‘arco’	<i>itsché</i>	<i>itse</i>
‘flecha’	<i>caschoné</i>	<i>cajone</i>
‘estrela’	<i>amschiti</i>	<i>amsiti</i>
‘burro’	<i>kitaschá</i>	<i>iquitachó</i> (‘cavalo’)
‘galinha’	<i>schuninsi</i>	<i>itschune</i> (‘pássaro’)

A hipótese de diferenciação pelo traço de continuidade tem como resultado uma série das obstruintes com quatro elementos /p, t, [ts̄], k/ e uma série das contínuas com apenas um representante: /ʃ/.

9 Aqui e em demais pontos: Vila Boa (VB), Pohl (P), Saint-Hilaire (SH), Kupfer (K), Lemos da Silva (L), Nehring (N), Barbosa (B).

10 As representações entre colchetes são hipotéticas.

11 Optei por manter a grafia do anotador.

## Obstruintes sonoras, nasais ou pré-nasalizadas?

O grafema nasal é o principal recurso utilizado para marcar nasalidade nas listas Cayapó do Sul: vogais nasais e consoantes nasais (em *coda* ou *onset*). Quando estes grafemas antecedem obstruintes é preciso considerar que tais ocorrências estejam nos dando indícios sobre a constituição destas consoantes. Para discussão do *status* destes grafemas antecedendo obstruintes, observemos os seguintes itens, retirados das listas de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848):

(P) <i>impôti</i> , (SH) <i>impo</i>	‘veado’
(SH) <i>impute</i>	‘sol’
(SH) <i>impudé</i>	‘pescoço, nuca’
(P) <i>intá</i>	‘chuva’
(SH) <i>intó</i>	‘olho’
(SH) <i>intiera</i>	‘mulher’
(SH) <i>incó</i>	‘água’
(P) <i>incója</i>	‘aguardente’
(P) <i>pintue</i>	‘filho, filha’
(SH) <i>intompéiparé</i>	‘bonito, bonita’

Para estes itens, as seguintes interpretações são possíveis: (i) uma vogal nasal [ĩ], representada por *im/in*; (ii) uma vogal nasal [ĩ̃], porém, por variar entre *m/n*, representaria o espalhamento de nasalidade da vogal para obstruinte subsequente; (iii) a nasalidade é da consoante, neste caso, uma consoante nasal que estaria ganhando um contorno oral à direita, pela adjacência à vogal oral subsequente;<sup>12</sup> ou (iv) trata-se de consoantes subjacentemente pré-nasalizadas e a vogal precedente poderia ser simplesmente oral, ou ainda, erro de percepção dos anotadores.

Os demais registros do Cayapó do Sul pode nos ajudar a compreender melhor qual o status desta consoante, por exemplo, na lista de Lemos da Silva (1882) encontramos o item *pantó* ‘olho’, em que *pa-* é interpretado com um morfema que designa humano (ou ‘gente’) – comum a outros itens da lista como: *paquim* ‘cabelo’, *pacré* ‘orelhas’ – e o tema que corresponderia a ‘olho’ seria *-ntó*. Enquanto em Barbosa (1918), temos as seguintes ocorrências a partir do tema para ‘água’ *inkô*, *nkô*: *tinkó* ‘molhar’, *tinkônípín* ‘afogar’, *çankou* ~ *çankô* ‘saliva’ e *cinnankô* ‘diarreia’; e variações como: *inkô* ~ *nkô* ‘água’, *intó* ~ *ntó* ‘olho’ e *impó* ~ *mpó* ‘veado’. Tais ocorrências corroborariam uma interpretação que assume a hipótese em (iv).

Nos registros de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848), as seqüências grafema nasal/grafema de obstruinte desvozeada não estariam restritas a início de palavras, como podemos observar nos dois últimos itens. Seguindo a interpretação em (iv), a hipótese é que a língua apresentaria uma série de obstruintes *p*, *t*, *ts*, *k* – (SH) *ípa* ‘braço’, (SH) *ité* ‘perna’, (P) *itsché* ‘arco’, (P) *cupá* ‘terra’ – e uma série de soantes pré-nasalizadas *mp*, *nt*, *ns*, *ñk* – (SH)

12 D’Angelis (1998, p. 20-21, p. 235-236) propõe que nas línguas Jê e Macro-Jê que apresentam esse processo, o contorno em questão é dessoantizado, o que significa que, além de oral (ou desnasalizado), perde também o vozeamento. Espectrogramas de alguns enunciados em Kaingang mostraram efetivamente isso. No entanto, diferenças de sincronização entre o vozeamento da vogal seguinte e o término da consoante em *onset* (que na literatura fonética costuma ser referido por VOT) produzem resultados distintos nas diferentes línguas: em algumas, percepção da dessoantização parcial é de *mp*, *nt*, etc.; e em outras, *mb*, *nd*, etc.

*impo* ‘veado’, (P) *intá* ‘chuva’, (SH) *amsiti* ‘estrela’,<sup>13</sup> *incó* ‘água’. Nesta hipótese, qual o status das nasais plenas? Ou são vistas como uma (terceira) série consonantal própria ou, alternativamente, devem se considerar que as nasais plenas são somente realizações fonéticas das pré-nasalizadas quando adjacentes a vogais nasais? Os itens a seguir ilustram a ocorrência dos grafemas nasais indicando consoante nasal em *onset* silábico:

Vila Boa	Pohl		Saint-Hilaire	
<i>Yamaroi</i>	<i>muschiú</i>	‘milho’	<i>macácá</i>	‘branco’
<i>Romexi</i>	<i>inromú</i>	‘mata’	<i>intomarca</i> <sup>14</sup>	‘feio’
<i>Combono</i>	<i>penatá</i>	‘farinha de milho’	<i>panariá</i>	‘um índio’
<i>Tonito</i>	<i>caschoné</i>	‘flecha’	<i>cajone</i>	‘flecha’
<i>Chaponhece</i>	<i>tapanió</i>	‘negro’	<i>tapanho</i>	‘um negro’

Como pode se observar nas três listas, aparentemente, as nasais plenas estariam ocorrendo diante de vogais orais, se é este o caso, excluimos das listas de hipóteses aquela que as pré-nasalizadas sejam resultado de processo de oralização causado pela vogal núcleo da sílaba, neste caso, é a vogal à esquerda que desencadearia o processo. Lembro que ocorrência como *pantó*, como exposto, na lista de Lemos da Silva (1882), seria um argumento contra esta hipótese. Interpretação alternativa é que a nasalidade da vogal não tenha sido registrada e justamente a ocorrência da consoante nasal seria indício da nasalidade da vogal, mantendo a hipótese em (iv).

D’Angelis (2002, p. 86), sob a perspectiva da geometria de traços, propõe que “quando Nasal for um traço fonológico (privativo) em uma língua determinada, ele estará alocado sob um nó articulador *Soft Palate* (SP), quer em vogais, quer em consoantes (i.e., onde quer que a oposição *nasal x oral* seja fonológica)” e esclarece que “a presença do traço fonético [nasal] não implica necessariamente a presença do traço fonológico correspondente”. Segundo o autor, línguas que fazem a oposição soante x obstruente realizam “soanticidade pelo abaixamento do véu palatino. Nesse caso, a nasalidade é apenas recurso para implementação do traço *Spontaneous* (ou *Sonorant*) *Voicing* (SV), ou seja, uma condição de implementação fonética” (D’ANGELIS, 2002, p. 86). Para a variedade do Kaingang do oeste catarinense (língua Jê meridional), D’Angelis (2002, p. 87) assume que “há uma oposição *nasal-oral* nas vogais, mas oposição *soante-obstruente* nas consoantes” e sugere “que o processo significativo que opera na língua é o *espalhamento* do nó SP aos segmentos adjacentes que não o portam subjacentemente”. Assim, segundo D’Angelis (1998), as consoantes nasais são soantes especificadas subjacentemente pelo traço SV, mas não para (SP); já as vogais são especificadas para SP (com especificação do traço nasal para as vogais nasais) e também para SV. As soantes nasais realizam-se plenamente diante de vogais nasais, e são pré-nasalizadas ou pós-oralizadas diante de vogais orais, pelo espalhamento do nó SP: /m̃/ [‘m̃] ‘jabuticaba’ x /mɔ/ [‘mbo] ‘espiga’; /mũ/ ‘mandi (peixe)’ x /muŋ/ [mbugŋ] ‘imbu’. Em Kaingang, o *output* é uma pós-oralizada vozeada, resultado da aplicação do Princípio de Contorno Obrigatório (OCP) que motivaria a fusão dos nós SV adjacentes.<sup>15</sup>

13 Davis (1966, p. 20) ‘estrela’ \*kan<sup>ye</sup>, no mesmo artigo Suyá, k<sup>h</sup>ane(ti).

14 Nas demais listas Cayapó do Sul: *tamancáre* (K), *tamancare* (L), *tómanká* (B). Este item é o único, não só na lista de Saint-Hilaire como também nas demais listas Cayapó do Sul, em que há a ocorrência de um *r* em coda não final. Não se descarta, neste caso, algum problema na transposição do original manuscrito para a versão publicada, em que talvez a forma anotada por Saint-Hilaire se aproxime daquela encontrada em Barbosa.

15 Ver nota 12.

Em Cayapó do Sul teríamos processo semelhante, porém, as consoantes subjacentes seriam as pré-nasalizadas, segundo a hipótese em (iv). O que permitiria a realização da nasal plena seria justamente o espalhamento do nó SP das vogais nasais (especificadas para SV e para SP nasal) para as soantes nasais adjacentes (especificadas para SV e não especificadas para SP). Já o espalhamento do nó SP das vogais orais (especificadas para SV e SP) para as soantes adjacentes mantém a fase dessoantizada da pré-nasalizada.<sup>16</sup>

Por fim, a ocorrência de <mb> e <ng>, registrada na lista de Vila Boa, e as possíveis obstruintes vozeadas comuns a três listas estariam, em parte, relacionadas às pré-nasalizadas, ainda segundo D'Angelis (1998, p. 20-21), como um fenômeno de gradiência, resultado da passagem da fase soante para a fase dessoantizada.

Os itens a seguir ilustram a aplicação desta hipótese ao Cayapó do Sul:

/mpo/	<i>impo</i> (SH)	‘veado’	/mp̃u’ju/	<i>muschiú</i> (P)	‘milho’
/nta/	<i>intá</i> (P)	‘chuva’	/jamp̃ãroj/	<i>Yamaroi</i> (VB)	
/nto/	<i>intó</i> (SH)	‘olho’	/pentã’ta/	<i>penatá</i> (P)	‘farinha de milho’
/ŋko/	<i>incó</i> (SH)	‘água’	/tapa’nsõ/	<i>tapanió</i> (P), <i>tapanho</i> (SH)	‘negro’

Uma série de consoantes pré-nasalizada para o Cayapó do Sul não seria uma novidade e nem uma excentricidade às línguas Jê: Camâra Jr. (1959) propõe, para o Proto-Jê, radicais reconstruídos pré-nasalizados e Alves (2007) argumenta a favor de uma série de pré-nasalizadas para o Apãniekrá (língua Jê Setentrional).

### As soantes contínuas

As consoantes pré-nasalizadas formam a série das soantes descontínuas do Cayapó do Sul, enquanto /w, r, j/ formariam a série das contínuas. Nas listas de Vila Boa (1782), Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848) a soante /r/ ora é representada por *r*, ora por *l*. Assumo que a realização subjacente seja do *tepe*, porém, não se descarta que a alternância encontrada nos registros possam dar indícios de uma realização *flap* ou retroflexa (cf. sessão seguinte). Pode-se atestar nas listas o *tepe* em *onset* silábico – *Romexi* (VB), *robú* (P) ‘cão’, *poré* (SH) ‘pedaço de pau’ – e formando *clusters* com obstruinte – *Xecrá* (VB), *lenkré* (P) ‘dedo’, *icreti* (SH) ‘anta’. Já para /w, j/, ora são representados: (i) por *i* e *u*, *piápa* (P) ‘cesto pequeno’, *chuí* ‘dente’; (ii) por *y*, *Yamaroi* (VB), *Angrayocha* (VB); (iii) ou ainda em Pohl, por *j*: *pujanca* ‘deus’.<sup>17</sup>

### Clusters

Os *clusters*, nas línguas Jê, seguem restrições que, em Kaingang (D’AANGELIS, 1998), não permite dois segmentos com o mesmo articulador e, em Panará (VASCONCELOS, prelo), em que a oposição grave vs agudo é mais preponderante, não permite dois segmentos graves ou dois agudos. Nos registros de Mossâmedes é possível fazer o seguinte levantamento de possíveis *clusters*: pw (*Pupuaré* VB), pj (*piápa* ‘cesto pequeno’ P), pr (*itpé-pri* ‘menino’ P),

16 Em D’Angelis (1998, p. 235): “Segue-se que, numa consoante soante parcialmente desnasalizada, deveríamos esperar o surgimento de um contorno surdo, como por exemplo: [mp], [nt], [ŋk], etc.”

17 O termo para ‘deus’ em Saint-Hilaire (1848) é *puhancá*, sem nenhuma explicação, a versão brasileira da Livraria Itatiaia, de 1975, está *punhança*. A posição do *h* neste item é discrepante da opção de Saint-Hilaire em usar a ortografia de língua portuguesa como a base do registro, esperar-se-ia o uso de *-rr-*. Em Lemos da Silva (1882) o termo para ‘deus’ é *puancá*.

tw (*Potuaré* VB), tj (*itpentié* ‘moça’ P), jw (*chuí* ‘dente’ SH), fj (*Uncrixiu* VB), kw (*uncuá* ‘casa’ P), kj (*piankákianká* ‘papel’ P), kr (*chiccré* ‘orelha’ SH) e rj (*panariá* SH). Se o Cayapó do Sul mantém as mesmas restrições de línguas como o Kaingang e o Panará, o número de ocorrências seria mais reduzido do que o apresentado; no entanto, tal redução só é possível se também for possível identificar os traços que estão em jogo nessa posição silábica.

Se os traços envolvidos estão relacionados a articulador, pw e kw não podem co-ocorrer; sua realização estaria diretamente relacionada a como o /w/ é interpretado na língua: se tem caráter fonologicamente labial, o *cluster* possível é kw; se /w/ é fonologicamente velar, então o *cluster* possível é pw. Se a distinção for, antes, entre grave x agudo, nem pw nem kw formam sequências permitidas nessa posição, bem como, tj e fj não figuram entre os *clusters* licenciados. A sílaba final em itens como *Uncrixiu* e *Taxiú* seria uma sílaba CV, com *i* ou *u* como núcleo vocálico, ou uma sílaba CVC na qual *u* seria uma *coda* [w]; ou ainda, uma sequência de duas sílabas, CV.V: *xi.u*. Já para *-tié*, em Pohl, *-tie*, em Saint-Hilaire, uma possível interpretação é que seja *ti.é*, o que levaria a interpretar *intiera* como *i.nti.e.ra* ‘mulher’ (SH). Em Pohl há ainda sequências como *itschiú* ‘fogo’, que em Vasconcelos (2009) é interpretado como [tʃu], tal interpretação é estendida para o termo *muschiú* ‘milho’ [ʃu] e estaria relacionado à *tetaschú* ‘feijão’ e a *antoaáschú*<sup>18</sup> ‘munição’, indicando um morfema comum associado a grão.<sup>19</sup>

Dos itens em *clusters*, a sequência *rj* sai do padrão obstruinte + soante: (a) *panariá*, (b) *chiccria* ‘mão’, (c) *icria* ‘coxa’, (d) *icrian* ‘cabeça’ e ainda (e) *Apluace* (em que temos algo como /prwa/). Considerando a correspondências na lista de Barbosa (1918): (a) *panará*, (b) *cykiá*, (c) *inkré* e (d) *kián*; já em Panará (DOURADO 1990, 2001) (a) /panã’ra/, (b) *tsikia* ~ *sikia*, (c) /ĩ’krə/ e (d) /ĩ’kjã ~ /iki.ã. Em Apãniekrá (ALVES, 2004) (b) -ũkra, (c) *i-ke* e (d) *krã*. Segundo D’Angelis (comunicação pessoal), uma divisão silábica para (a) *panariá* seria *pa.na.ri. ’a*, ou mesmo, *pa.na.ri. ’?a*, enquanto para (b) *chiccria*, (c) *icria* e (d) *icrian*, o *a* final poderia ser um morfema, apresentando o mesma divisão silábica de (a), por exemplo, *i.cri.a* ‘mão’. Ou ainda, o *i* presente nestes itens é “uma percepção do anotador, para certa dessincronização de gestos na passagem do *cluster* para a vogal, talvez porque esse *r* não seja um simples *tepe*, talvez um *flap* ou um retroflexo. Efeito semelhante ocorreria em *Apluace* (aqui pela labialização da primeira consoante)”.

Sequências tw são licenciadas, porém, devido à precariedade dos dados, esse *cluster* não se sustentaria, pois, em Saint-Hilaire, *pintué* pode ser resultado de processo de juntura de morfemas envolvendo *tó* ‘dançar’ (BARBOSA, 1918), e na lista de Vila Boa, *Ungaptuai* e *Potuaré* podem ser interpretados como *Un.gap.tu.ai* e *Po.tu.a.ré*.

Ainda na lista de Vila Boa também há uma ocorrência *mre* (*Poimre*), sequência que, tal como *rj*, fugiria ao padrão obstruinte-soante. Uma análise possível é que o grafema *m* esteja indicando somente a nasalidade da vogal que o precede e possível espalhamento para a soante tautossilábica: [põj.re]; mas também, pode ser indicio de que a restrição no *cluster* se daria por contínuo vs não contínuo e não por obstruinte vs soante; ou ainda, que

18 Em Pohl, ‘espingarda’ *atoná*, que em Barbosa é *atôme* com a seguinte nota: “pronuncia-se a tó me”. Interpreta-se aqui o item para ‘munição’ como [ãtwa:’ʃu], considerando a correspondência *o:w* do registro do Xavante do séc. XIX com registros atuais.

19 Já para ‘arroz’ o termo é *tunishin*, para o qual é possível propor um possível equívoco na transposição do manuscrito para a forma impressa, e a forma anotada por Pohl seria *tunischíu*.

os segmentos nasais possam ser interpretados como obstruintes, neste caso, são segmentos especificados para SP [nasal] e não para SV, formando assim, um série de obstruintes nasais. É importante considerar que este é o único caso entre os registros disponíveis do Cayapó do Sul.

## Vogais

Em Vasconcelos (2009), foi proposta, para as listas de Pohl e Saint-Hilaire, cinco vogais orais: i, e, a, o, u; e cinco nasais: ã, ê, ã, õ, ù; enquanto para lista de Vila Boa é possível identificar seis vogais orais (i, e, ə, a, o, u) e cinco nasais (ĩ, ê, ã, õ, ù), pois em itens como 17. *Pitubá*, 26. *Xecrá* e 27. *Enconá* há indícios da realização de [ə], no entanto, a sua ocorrência restrita a final de palavra gera suspeita quanto ao seu status de fonema, pois pode tratar-se de uma variação ou mesmo equívoco do anotador.

É possível levantar a hipótese de uma vogal alta posterior não arredondada [ɨ]. Tal hipótese é resultado da comparação dos itens a seguir encontrados nos registros de Pohl e Saint-Hilaire com a lista de Barbosa (1918) e com registros recentes das línguas Panará (DOURADO 1990, 2001) e Apãniekrá (ALVES, 2004, 2007):

<i>itschiú</i> (P)	<i>icy</i> (B) <sup>20</sup>	[ɨ'tsi] ~ [ɨ'tʃi] (Pa)	ku'xi, ku'hi (Ap)	'fogo'
<i>muschiú</i> (P)	<i>môcê, môcy</i> (B)	/mõ'si/ (Pa)	põ-hi (Ap)	'milho'
<i>cupá</i> (P), <i>cúpa</i> (SH)	<i>kýpa</i>	/'kyipa/, 'kipa (Pa)		'terra'
<i>itú</i> (P)	<i>iútú</i> (B)	/yɨ'ti/ (Pa)	tik (Ap)	'morrer'
<i>kiúti</i> (P)	<i>kir, ikih</i> (B)	kyi (Pa)	h-akri (Ap)	'(estar) frio'
<i>itpúti</i> (P), <i>imputé</i> (SH)	<i>iútât</i> <sup>21</sup>	piti, ipiti (Pa)	pit (Ap)	'sol'

Em todos estes casos, a vogal [ɨ] estaria representada por *u/ú*, em que permaneceria tanto a altura como a posição da vogal. Contudo, nem todo item destes registros grafado com *u/ú* representam [ɨ], como podemos observar nos itens a seguir:

<i>putkuá</i> (P)	<i>pukuá</i> (B)	/puku'a/ (Pa)	'céu'
<i>cubu papa</i> (P) 'caçar'	<i>kbú, kubú</i> (B)		'passear'
<i>pujanka</i> (P), <i>puhancá</i> (SH), <i>puancá</i>			'deus'

Tal vogal também fica como ocorrência possível, mas não confirmada se nos restringimos ao registro de Mossâmedes, pois, é possível, que diferente do esperado para línguas da família Jê, a vogal [ɨ] corresponda a [u], reduzindo o quadro de protofonemas vocálicos proposto por Davis (1966). No quadro 5 é apresentada uma síntese da hipótese para as vogais de Mossâmedes a partir das listas de Vila Boa, Pohl e Saint-Hilaire.

**Quadro 5: Hipótese para as vogais de São José de Mossâmedes**

i, ã	ɨ?	u, ù
e, ê	ə?	o, õ
	a, ã	

20 Em Barbosa (1918, p. 40): “o y soa quase como o u francez”; o que interpreto como tentativa de representar [ɨ], som incomum para o a língua materna do anotador, o Português.

21 Em todas as listas Cayapó do Sul é encontrado um termos (ou mais de um) para ‘sol’: *itputi* (P), *imputé* (SH), *hiutote* (K), *puti* (L), *impütě* (N), *iútât*, *iútôt*, *iúktôt*, *iútáici* (B).

## Considerações finais

A proposta apresentada neste estudo ainda deixa pontos em aberto sobre o que tenha sido o sistema fonológico do Cayapó do Sul; não trato dos segmentos licenciados em *coda*, tema que ainda merece mais investigação. No entanto, a partir desta discussão, aponto que a oposição básica se dá entre obstruintes /p t ts k ʃ/ e soantes /mp̄ nt̄ ns̄ ŋk̄ w r̄ j̄/, porém, permanece em suspenso qual a relevância do traço [contínuo] para as obstruintes. Ocorrência como *Poimre* (VB) e a falta de definição sobre a *coda* não permitem descartar a hipótese de que as nasais sejam mais uma série de consoantes, possivelmente, de obstruintes nasais, indicando que oposição básica entre as consoantes seja, tal como nas vogais, entre oral vs nasal.

Os registros de Mossâmedes dão indícios de que a língua falada pelos Cayapó do Sul é uma variedade diferente daquela falada nas aldeias próximas a Sant'Anna do Paranaíba, às margens do rio Paraná, ponto mais meridional do seu território. Duas características indicariam essa distinção: (i) impossibilidade de reduzir os segmentos fricativos e africados a um único fonema, tal como ocorre nas demais listas, ou seja, aqui teríamos ts̄ e ʃ, enquanto nos demais há ou só s ou ʃ; e (ii) os itens para 'cabeça' *icrian* e 'mão' *chicria*, que se aproxima mais dos termos encontrados em Apãniekrá (ALVES, 2004), *krã* e *-ũkrã*, do que das demais listas Cayapó do Sul, *kián* e *cykiá* (BARBOSA, 1918).

## Listas de Palavras: fontes

(i) Registro de Batismo de Vila Boa. *Relaçãõ dos Indios da Naçaõ Cayapó q'se Baptizaraõ na Igreja de Villaboa de Goyáz no dia de hoje 12 de Outubro de 1782*. In: OFÍCIO do [governador e Capitão-Geral de Goiás] Luís da Cunha Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a Civilização dos índios Caiapó; o sucesso do aldeamento da dita nação; a criação da Aldeia Maria I, e enviando plantas e estampas da dita aldeia. 18 dez. 1782. Manuscrito. CD-ROM. *Projeto Resgate de Documentação Histórica "Barão de Rio Branco"*. Disponível no Arquivo Edgar Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas (AEL/Unicamp).

(ii) Lista de palavras anotada por Emmanuel Pohl. *Sprachproben der Cayapós in der Aldeya S. José de Mossamedes*. In: POHL, J. E. *Reise im Innern von Brasilien: Auf allerhöchsten befehl seiner majestat des kaisers von osterreich, franz des ersten*. Wien: A Strauss's Sel Witwe & J B Wallishausser, vol.1, 1832. p. 447-448.

(iii) Lista de palavras anotada por Auguste de Saint-Hilaire. SAINT-HILAIRE, A. de. *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz II*. Paris: a. Bertrand, 1848. p. 108-109.

## REFERÊNCIAS

ALVES, F. C. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. Sistema fonológico do Timbira Apãniekrá (Fonemas, sílaba e acento). In: RODRIGUES, A. D.; Cabral, A. S. A. C. (Org.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora UnB, 2007. p. 45-55.

ARAÚJO, B. A. C. *Análise do Wörterbuch der Botokudensprache*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ATAÍDES, J. M. *Sob o signo da violência: colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil Central*. Goiânia: Editora UCG, 1998.

BARBOSA, A. S. *Cayapó e panará*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB, 1918.

CÂMARA JR., J. M. Alguns Radicais Jê. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 28, 1959.

D'ANGELIS, W. R. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. 2 vols.

\_\_\_\_\_. Nasalidade e soanticidade em línguas Jê: o Kaingang paulista e o Mëbengokre. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Belém, Pará, Brasil, p. 86-95, 2002.

DAVIS, I. Comparative Jê phonology. *Estudos Linguísticos*, v. 1, n. 2, p. 10-24, 1966.

DOURADO, L. *Estudo preliminar da fonêmica Panará*. 1990. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

\_\_\_\_\_. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GRANNIER RODRIGUES, D. M. *Fonologia do Guaraní Antigo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 86 p.

HALL, J.; MCLEOD R. A.; MITCHELL V. *Pequeno dicionário Xavante-Português*. 1987. Cuiabá: SIL. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/XVDict.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2012.

JAKOBSON, R.; FANT, C. G. M.; HALLE, M. *Preliminaries to Speech Analysis. The distinctive features and their correlates*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1952.

KUPFER. Die Cayapo-Indianer in der Provinz Matto-Grosso. *Zeitschrift für der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, n. 5, p. 244-254, 1870.

LEMOS DA SILVA, J. *Os índios Cayapós*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB, 1882.

MCLEOD, R. Fonemas Xavante. *Série Linguística*, n. 3, p. 131-152, 1974. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/SILapub.html>>. Acesso em: 02 mar. 2012.

- NEHRING, C. Sud-Cayapo: Wörterlisten. In: EHRENREICH, P. Materialien Zur Sprachekunde Brasiliens. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 26, p. 136-137, 1894.
- PICKERING, W. A. *A Fonologia Xavante: uma revisão*. 2010 Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- POHL, J. E. *Reise im Innern von Brasilien: Auf allerhöchsten befehl seiner majestat des kaisers von osterreich, franz des ersten*. Wien: A Strauss's Sel Witwe & J B Wallishausser, 1832-1837. 2v.
- POHL, J. E. *Viagem no Interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de Sua Majestade o Imperador da Austria Francisco Primeiro*. Tradução de Teodoro Cabral. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1951, Parte I.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz II*. Paris: Arthus Bertrand, 1848.
- \_\_\_\_\_. *Viagem à Província de Goiás*. Tradução de Regina R. Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.
- SOUZA, S. L. de. *Descrição fonético-fonológica da língua Akwe-Xerente*. 2008 Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.
- TRUBETZKOY, N. *Princípios de fonologia*. Tradução de Wilmar R. D'Angelis. No prelo. Título original: Grundzüge der Phonologie, 1939.
- VASCONCELOS, E. A. Sobre as listas de palavras Cayapó do Sul de São José de Mossâmedes. *Revista Sínteses*, v. 14, p. 405-423, 2009.
- \_\_\_\_\_. Repensando la Fonologia de la Lengua Panará (Jê). In: *II Jornadas de Fonética e Fonologia*, Córdoba: UNC (prelo).